

COMUNIDADE SURDA E A HOMOSSEXUALIDADE: UM DESVIO DA NORMATIVIDADE SEXUAL

DEAF COMMUNITY AND HOMOSEXUALITY: A DEVIATION FROM SEXUAL
NORMATIVENESS

Akson Daniel dos Santos¹

Daniel Silva Guedes²

RESUMO

A produção de conhecimento sobre a orientação sexual das pessoas surdas é escassa na academia. As raras abordagens sobre a sexualidade focam na dimensão biológica e preventiva, e os fatores relacionados à amplitude conceitual de sexualidade é ignorada. Este artigo é resultado de um exercício de discussão, através de um levantamento bibliográfico para construção de um estado do conhecimento (GIL, 2007) e surgiu a partir de uma inquietação pessoal sobre o social, cujo objetivo se dá por realizar uma revisão de produções científicas sobre o tema da sexualidade e a comunidade surda. Em concreto, busquei na pesquisa explorar vias de conceitualização da sexualidade, desta forma, a sexualidade enquanto campo de construção social e dispositivo histórico (FOUCAULT, 1985), depois, a sexualidade e sua relação com a comunidade surda (PINHO E PULCINO, 2016). Para a discussão, de modo central, foram trazidas à discussão para tratar sobre língua Quadros e Karnopp (2004), para aprofundar o debate da sexualidade utilizou-se Lauro (2008) e Bozon (2002), e quanto a questão da heteronormatividade Souza (2015). Deste exercício resulta a ideia que, enquanto dimensão da vida social, a sexualidade é um reflexo de mudanças sociais abrangentes, sendo, a sociedade parte constituinte de todos os sujeitos.

Palavras-chave: Comunidade-Surda; Sexualidade; Heteronormatividade.

ABSTRACT

The production of knowledge about the sexual orientation of deaf people is scarce in academia. The rare approaches on sexuality focus on the biological and preventive dimension, and the factors related to the conceptual range of sexuality are ignored. This article is the result of a discussion exercise, through a bibliographic survey for the construction of a state of knowledge (GIL, 2007) and emerged from a personal restlessness about the social, whose objective is to perform a review of scientific productions about the theme of sexuality and the deaf community. Specifically, I sought in the research to explore ways of conceptualizing sexuality, in this way, sexuality as a field of social construction and historical device (FOUCAULT, 1985), then, sexuality and its relationship with the deaf community (PINHO AND PULCINO, 2016). For the discussion, centrally, were brought to the discussion to deal with language Quadros and Karnopp (2004), to deepen the debate on sexuality was used

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Rural do Semi-Árido (UFERSA).
E-mail: akson.santos@alunos.ufersa.edu.br

² Professor orientador. Docente do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas (DLCH) da Universidade Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: daniel.guedes@ufersa.edu.br

Lauro (2008) and Bozon (2002), and on the issue of heteronormativity Souza (2015). From this exercise results the idea that, as a dimension of social life, sexuality is a reflection of comprehensive social changes, being society a constituent part of all subjects.

Keywords: Deaf Community; Sexuality; Heteronormativity

INTRODUÇÃO

Este trabalho se constituiu através de uma inquietação através de uma inquietação de questionamentos de cunho pessoal, ao adentrar no meio acadêmico e passar a socializar e conviver com a comunidade surda, e assim com os sujeitos surdos, assim surgem questionamentos sobre um tema ainda tabu no meio escolar, acadêmico e familiar: sexualidade. O interesse em abordar e discutir sobre essa pauta veio pela experiência ao manter um contato e interação com sujeitos inseridos na comunidade surda e LGBTQIA+, onde se percebe a falta de informação e estudos que trouxessem essa questão com relevância, e o grande interesse de obter conhecimentos e entender como esse surdo faz a imersão entre essas duas comunidades. Assim, como sujeito me identifico como um LGBTQIA+, vivenciei e vivencio os dolorosos percalços que é estar em uma sociedade que ainda é dominada pelos pressuposto heteronormativos, e também como aluno em uma graduação no curso de Letras Libras, sendo assim me sinto como parte dessa comunidade e compartilho de suas angústias e problemáticas.

A comunidade surda sempre foi silenciada através de discursos opressores, onde foram colocados à margem da sociedade por não se comunicarem através da língua oral. O estudo sobre sexualidade é emergente, e os seus efeitos são resultados de pesquisas em diversos contextos, com pessoas idosas, na perspectiva de jovens, na visão de adultos e de pessoas com deficiência, na dinâmica de gênero em contextos sociais. A pesquisa tem como objetivo se dá por realizar uma revisão de produções científicas sobre o tema da sexualidade e a comunidade surda. Diante dessa perspectiva, seus discursos e questionamentos sobre sexualidade e surdez, foram postos de lado, assim muitas indagações sugerem sobre essa temática.

Dessa forma, é relevante observar a lacuna que se apresenta sobre a relações de sexualidade e os sujeitos surdos. O desejo de discutir essas questões surge a partir de um anseio de trazer para socialização pautas voltadas para a sexualidade em toda sua complexidade. Visto que há a necessidade de aprofundar pesquisas nesse campo pouco explorado, com o intuito de instigar e, quiçá, transformar olhares acerca desse assunto no

âmbito acadêmico, bem como contribuir na formação da subjetividade dos sujeitos surdos, e a partir da língua de sinais conceber o acesso à informação.

Portanto, o objetivo da pesquisa consiste em realizar uma revisão de algumas produções científicas sobre sexualidade, comunidade surda e sua relação com a educação em artigos e narrativas dos sujeitos surdos sobre suas experiências com a sua sexualidade. A partir disso discutir o que estes artigos e trabalhos proporcionam a comunidade surda, no que desrespeita ao sujeito surdo no campo da sexualidade, na busca de compreender como se dá a percepção e construção do sujeito surdo acerca da sexualidade e trazer um recorte para a discussão teórica que tenham relevância a pesquisa, e que demonstrem a língua como ferramenta na construção do sujeito surdo.

DOS IMPASSES À TEORIA

Para darmos início ao tema deste trabalho é necessário expor alguns pontos relacionados à cultura dos sujeitos surdos, a importância da sua língua ser amplamente utilizada nos diversos contextos sociais, viabilizando uma melhor comunicação socialmente como forma de comunicação, e conceituar o que é sexualidade e sua ampla abordagem no que concerne às problemáticas sociais. Apesar das problemáticas e concepções equivocadas em torno da sexualidade que ainda existe, o que a sociedade precisa entender é que o direito ao prazer e à vivência de sua sexualidade existe para todas as pessoas, de um modo geral, independente das suas limitações físicas.

Desta maneira três pontos se apresentam para discussão inicial do trabalho: As línguas e a comunidade surda; impactos da cultura ouvinte sobre a surda; Sexualidade; o que seria? e a Heteronormatividade e seus impactos sociais. Por fim, argumento pela importância de discussão e problematização em que essas temáticas possam ser discutidas em uma perspectiva que contemple a diferença cultural e da concepção de pessoas surdas.

2.1 As Línguas e a comunidade surda: impactos da cultura ouvinte sobre a cultura surda

Vivemos em uma sociedade cujo a língua oral é majoritária, e por consequência, cabe a todos que estão nela imersos se adequarem aos seus meios de comunicação, independentemente das suas limitações ou suas impossibilidades. Por estarmos inseridos em

uma comunidade ouvinte é natural que todos os processos comunicativos sejam conectados à oralidade e nossas relações sociais só se tornam possíveis pela língua.

Para fazer parte dessas relações sociais é preciso ter acesso à língua que esteja em uso, isso porque irá viabilizar experiências, aquisição de conhecimentos e integração ao meio social. Porém, esses contratos sociais só são possíveis para os ouvintes, no caso dos surdos, esse acesso à língua oral não apresenta condições favoráveis para sua inserção social.

Diante disso, se torna essencial a incorporação da língua brasileira de sinais (LIBRAS) na vida desses sujeitos. As relações sociais, assim como as identidades sociais, se apresentam em incessante mudanças, inato humano que está sempre em processo de constante construção, reconstrução tanto social como individual, em que este sujeito passa a influenciar o outro e ambos são influenciados pelos contextos sócio- histórico-cultural em que convivem.

Em vários momentos da história não era dado ao sujeito surdo o direito de se desenvolver social, emocional, sexual, intelectual e linguisticamente. Para os sujeitos surdos que pertencem a uma minoria linguística e cultural e tem como a forma de comunicação a língua de sinais, as dificuldades em obter informações advém da carência do uso da sua língua, aqui no Brasil, a LIBRAS, tanto no contexto escolar, quanto no familiar. Dado que é por meio da sua L1 que eles evoluem o conhecimento, a cultura e interagem socialmente.

O atraso na aceitação deste fato pode acarretar prejuízos no desenvolvimento cognitivo, emocional e na comunicação do sujeito surdo, uma vez que a utilização da LIBRAS pelos surdos possibilita o entendimento podendo ainda facilitar o atendimento de suas necessidades, seus anseios e suas expectativas. É por meio da LIBRAS que o surdo faz a interação na sociedade, constrói sua identidade e exercita sua cidadania, sendo esta, a forma mais expressiva de inclusão. Nessa perspectiva Perlin e Strobel dissertam que, é a forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta a língua que levará o surdo a transmitir e proporcionar a aquisição de conhecimentos universais (PERLIN, STROBEL, 2014).

Existem várias ideias estereotipadas em relação ao surdo, como a colocar o surdo em um lugar de um sujeito que não tem capacidade cognitiva, colocá-lo em uma posição de não ter uma comunicação, e assim ignorar a importância da LIBRAS como uma ferramenta de comunicação e inclusão social. Perlin (2001) ressalta que esta visão limitada, ao invés de acolher o surdo, o afasta ainda mais das descobertas da sua identidade como indivíduo, é onde destaca-se a grande importância da cultura surda, que por questões de políticas públicas, não é tão mencionada como deveria.

Segundo Brito (1995, p. 16) “as línguas de sinais, por serem línguas naturais, persistem. Apesar das proibições e preconceitos de que têm sido alvo, elas resistiram heroicamente através dos tempos. Isso demonstra a fortaleza de um sistema consistente”. A forte ênfase no papel da língua oral no funcionamento cognitivo humano gerou distintas repressões, principalmente no caso dos surdos, uma vez que a dificuldade encontrada por eles na linguagem foi vista, por vezes, como geradora de obstáculos ao desenvolvimento do pensamento. Um desses obstáculos seria o de que a língua de sinais levaria a uma redução no universo intelectual ao mundo concreto, restringindo, assim, as funções de caráter abstrato, devido a esse pensamento reduzido, o oralismo dominou em todo o mundo até a década de 1970. De acordo com estudos de Quadros (2004, p. 30):

“Pode-se dizer que uma língua natural é uma reação específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os usuários. E por ser considerada uma língua natural, “compartilham uma série de características que lhes atribui um caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação” (QUADROS, 2004, p. 30).

Dessa forma, a língua de sinais, por ser uma língua natural, persiste mesmo diante das problemáticas sociais, permitindo a socialização e comunicação entre os sujeitos surdos e ouvintes coexistirem. Os padrões sociais linguísticos, considera que a surdez não consiste somente em uma deficiência sensorial, mas, sim, em algo mais complexo, pois as consequências sociais da condição da surdez podem fazer com que o sujeito não consiga se comunicar com a sociedade de um modo geral, o que causa isolamento e discriminação para essas pessoas.

A aquisição da língua materna também se conhece como idioma materno, língua nativa ou primeira língua. Trata-se do primeiro idioma que aprende uma pessoa ou, por outras palavras, da língua que se fala num país, e que é relativa aos naturais/nativos do mesmo, no caso a de sinais, para ensinar línguas é necessário ter clareza da definição dos termos língua materna, primeira língua, segunda língua, pois deles decorrem modos de ensinar específicos consonantes com cada um dos status sociolinguísticos que eles representam.

Assim surge o denotativo interesse de entender mais sobre qual o papel da língua na constituição da identidade de pessoas surdas. Sua organização, cultura e linguística distintas, proporciona condições distintas para a constituição da subjetividade e identidade. De um

modo geral, a sociedade ainda tem poucas informações a respeito dessa língua, provocando o surgimento de muitos mitos (QUADROS, KARNOPP, 2004).

Não podemos esquecer que língua, cultura e sociedade são experienciadas pelos seres humanos de forma inconsciente; isso significa que não ficamos nos moldando ou mesmo avaliando e direcionando nossas ações no mundo, pelo contrário, a língua que é natural, é a cultura de uma sociedade e é compartilhada por todos os membros de uma comunidade, assim é o que passa ao definir no mundo como pertencentes a essa comunidade.

2.2 A sexualidade: o que seria?

Sempre se confrontamos com o tabu das discussões sobre as questões, da sexualidade e as relações intersociais que estão imersas nesse âmbito, os discursos criados sobre a sexualidade sempre foram rígidos e com um discurso de repressão, vivemos um recuo quanto à inserção das temáticas relacionadas à sexualidade e ao gênero na área acadêmica, política, assim como também no próprio convívio familiar. Portanto, isto é, eles consentem e sustentam certas verdades sobre a sexualidade, nesse cenário, cabe compreender que a homossexualidade considerada uma heresia durante muitos séculos sob a óptica judaico-cristã, passou a ganhar seu status de patologia a partir da ascensão da medicina científica no século XIX. A sexualidade se dá através de inúmeras aprendizagens e práticas, ela é compreendida de maneira dissimulada ou explícita por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais (Louro, 2008). Trata-se de um processo sutil, minucioso, algo sempre inacabado, desse modo, a construção da sexualidade se dá infindavelmente, ou seja, ao longo de toda a vida.

A sexualidade é, portanto, construída historicamente (FOUCAULT, 1988). Foucault em suas primeiras páginas do livro “A vontade de saber” Foucault (1988) já começa dizendo que no início do século XVII as práticas não procuram o segredo, não havia vergonha nos discursos, as anatomias eram mostradas e facilmente misturadas, as crianças eram astutas, sem escândalos e nem incômodos. Em um rápido crepúsculo, a sexualidade é cuidadosamente encerrada, então, na era vitoriana, a moral burguesa conduziria a sexualidade para dentro de casa, confiscada para o seio família conjugal heterossexual, e passa a ter inteiramente a função de reproduzir.

A repressão da sexualidade passa a funcionar como formas de inexistência, silenciamento e interdição das práticas sexuais, que eram na época consideradas como ilegítimas, pois não atendiam ao modelo heterossexual da família reprodutora. Para Foucault

(1988), desde a época clássica, a repressão foi o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade. Na modernidade do ocidente, o regime de poder e saber está na base de discursos que lidam com a sexualidade. Sexualidade é o nome que damos para o aspecto da vida humana que inclui as sensações corpóreas e subjetivas que envolvem, também, as questões emocionais. Claro que não dá para separar a emoção, a razão, a cognição e as questões sociais, o que ainda torna a sexualidade um conceito abrangente, que diz respeito a várias manifestações e não somente a sexo.

Quando discutimos sobre sexo, nos referimos às práticas sexuais ou à relação sexual, isto é, um comportamento que envolve e se direciona às questões genitais. Também falamos de sexo para categorizar pessoas em machos e fêmeas, mas isso ainda seria mais um dos componentes da sexualidade. A sexualidade engloba diversas esferas da vida de um sujeito, desta forma a sexualidade é um tema que a sociedade geralmente desconsidera, porém é um assunto discutido desde os tempos remotos, sendo conceituado de inúmeras maneiras. A sexualidade sempre esteve em discussão, ela se apresenta como padrões que nunca deixaram de existir, mesmo com as mudanças que ocorrem na sociedade.

A sexualidade ainda é um tabu que faz retornar sempre aos questionamentos sobre seu desenvolvimento na sociedade, gerando conflitos e levando as indagações de como percebemos a sexualidade na sociedade. Atualmente, sexualidade é vista como um conceito abrangente, que vai além do aspecto biológico, ou dos conceitos que estão voltado para os órgãos genitais, pois envolve as construções sociais do ser humano, as representações simbólicas incorporadas pelas pessoas no processo de formação de identidade, e é considerada um conjunto de valores relacionados ao amor, gênero, sexo, corpo, implica as emoções, afeto, desejos. Desta forma a sexualidade está presente em todas as fases do desenvolvimento do ser humano, e a sua vivência dependerá dos valores e das práticas sociais de cada indivíduo inserido em culturas distintas.

O conceito de sexualidade é construído historicamente e se encontra em constante expansão, por conta da amplitude do conceito, onde vem abrangendo temáticas como as relações de gênero, identidade de gênero, orientação sexual, e isto acrescenta a necessidade de discutir a temática, pois auxilia na formação da identidade do sujeito. Assim Paulo Freire (1999) vem argumentando que;

A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós esta volta críticoamorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente no mundo e com o mundo, se nos fecharmos medrosos e hipócritas

aos mistérios de nosso corpo ou se os tratarmos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente. (Freire, 1999, P. 7)

Questionando as representações, as análises sociológicas vêm entender a sexualidade não como processo natural ou psicológico, mas enquanto fenômeno social e desessencializar, sublinhando a relatividade dos significados sexuais face aos contextos e ao tempo social onde estes se constroem (BOZON, 2002). Com essa concepção, a sexualidade está presente em todos nós, a sexualidade é muito relativa e pessoal, visto que o que pode ser considerado prazeroso para alguns, pode não ser para outros. Além disso, ela se desenvolve de acordo com as experiências de cada pessoa, assim a sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Nesse contexto, a sexualidade expressa acima de tudo uma tendência para a naturalização do comportamento sexual.

Quando a sexualidade passa a ser reconhecida e incorporada nos trabalhos da escola, começam a se modificar as condições de aprendizagem, os novos conceitos levam às mudanças de visão de mundo, de entender o ser humano e a própria vida. Nessa perspectiva é notória a importância de trazer a pauta da sexualidade para o meio que os sujeitos estão imersos e sua discussão traz à tona que ao falar sobre sexualidade muitas dúvidas e respostas podem ser sanadas para os sujeitos surdos, e havendo uma quebra dos padrões heteronormativos. A sexualidade abarca, então, uma amplitude de condutas humanas, para além de sua genitalidade e não deve ser entendida, exclusivamente, como sinônimo de sexo e relação sexual. Quando se fala em inclusão, acesso à informação, a sexualidade humana não deve ser descartada, podemos ver então que quando se priva o surdo de uma educação sexual além de um objetivo meramente informativo, coloca-se novamente este indivíduo em um lugar de exclusão.

A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, à saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico, dessa forma, a sexualidade é uma experiência ampla: envolve o ser que somos, nossa personalidade. Com ela, aquilo que é capaz de nos atrair ou nos repelir, o que nos faz sentir atração por uma pessoa e desejar ter com ela a intimidade de uma relação afetivo-sexual. Para Foucault (1997, p. 145–146) “é pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos nós devemos passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (...), à totalidade de seu corpo (...), à sua identidade”. Embora a sexualidade seja um tema pouco discutido em nossa

sociedade, é algo natural, ou seja, é apenas mais um aspecto do nosso desenvolvimento humano, assim como o cognitivo e o físico, por exemplo.

2.3 A heteronormatividade e seus impactos na sociedade.

Em 1991 o pesquisador Michael Warner criou o termo heteronormatividade, palavra que deriva do grego hetero, que significa “diferente” e de norma que é “esquadro”, na segunda metade do século XIX. A relação entre pessoas do mesmo sexo foi definida como prática homossexual, que passou a enquadrar esses sujeitos a uma nova categorização na sociedade, um novo tipo de indivíduo, diferente do modelo padrão heteronormativo, promovendo assim a categorização e estigmatização pautados como um desvio de norma. Essa definição influenciou a exclusão desses indivíduos, onde a sociedade passou a impor que vivessem em segredo, para que não fossem excluídos, além de serem obrigados a ter que suportar as dores da segregação social (SILVA, 2006; GREEN, 2000; FOUCAULT, 1988).

Essa influência exerce um grande poder sobre os papéis sociais que cada indivíduo deve exercer, associando diretamente o seu sexo ao seu papel social, qualquer manifestação que fuja a esse padrão é vista como prática que não se adequa ao modelo social, o que se promove diretamente a relação de segregação e ao preconceito. Esse estigma que existe a comportamentos sexuais que são divergentes do padrão heteronormativo, como principais causadores de variados tipos de preconceito, a construção da sociedade sofreu diversas influências ao longo dos tempos, variadas questões serviram para moldar o panorama social no qual as pessoas são inseridas, ditando regras, crenças e costumes. Com os avanços ocorridos, principalmente no campo das ciências, várias questões respaldadas na religião e moral foram modificadas, porém, algumas ainda persistem. O padrão heteronormativo presente na sociedade, foi inicialmente pautado na necessidade de perpetuação dos indivíduos, conforme aponta os estudos de Pinho e Pulcino (2016), uma vez que para a reprodução humana era estritamente necessária a conjunção carnal entre um homem e uma mulher, e apesar dos diversos modos de reprodução obtidos por meio de estudos no campo da ciência, esse modelo ainda é defendido por uma boa parte da população.

As instituições utilizam a heteronormatividade como forma de legitimar a sociedade, privilegiando a prática como sendo a natural, o uso do termo também é utilizado como meio dicotômico que categoriza e vincula diretamente a genitália dos sujeitos a sua auto identidade e comportamento social, ou seja, o comportamento que é esperado de um homem e uma mulher (VERGUEIRO, 2016). Voltamos, então, a discussão em relação à produção dos

corpos, iniciando com a palavra sexo, a autora Isaura Guimarães (1995, p. 23) esclarece que “Sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro para a reprodução.” Os conflitos gerados pelo uso generalizado dos termos, sobretudo, em situações distintas, fizeram com que um fosse preciso estabelecer diferenciações entre sexo e gênero, por mais sutis que eles pudessem parecer. Para isso foi preciso distanciar-se do determinismo biológico, visando colocar o conceito de gênero no campo das relações sociais. Porém, Louro (1997, p. 22) reflete que,

[...] ao dirigir o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre os corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica sobre as características biológicas.

Podemos acrescentar que analisar o conceito inserido no campo social justifica-se porque as desigualdades de gênero existentes nas sociedades são construções relacionais, muitas vezes reduzidas a explicações de fundo biológico, fato que resulta no aumento da desigualdade e, conseqüentemente, na dicotomia social, incluindo seus atributos femininos e masculinos, num processo significativo que restitui, no discurso e na matéria, as representações valorativas que dão sentido às relações sociais. Assim, a sexualidade torna-se o eixo principal da identidade e do ser no mundo, fundamentando-se em valores institucionais tais como procriação, casamento e família, isso em um contexto de heteronormatividade. Essa complexa engrenagem compreende todo um sistema de representações e autorrepresentações codificadas em normas, regras, paradigmas morais e modelos corpóreos.

A heteronormatividade tem o papel de negar a homossexualidade que, por sua vez, nega a naturalidade e a universalidade da sexualidade, ou seja, a heteronormatividade nega a possibilidade de pessoas homossexuais legitimarem as suas orientações sexuais, vivenciarem e expressarem suas identidades LGBTQIA+. Como já vimos, a heteronormatividade é um modelo hegemônico e baseia-se em valores ideológicos e morais que ditam, controlam, subjagam, marginaliza, exclui, violentam, confinam, condenam e exterminam os sujeitos que têm sexualidades dicotômicas dos padrões heterossexuais, ainda vivemos em uma sociedade que determina e coloca a heterossexualidade como a única e legítima forma de vivenciar a sexualidade.

Não é possível jamais esquecer, entretanto, que apesar das normas existentes em toda e qualquer sociedade, estipulando comportamentos aceitáveis e inaceitáveis, e entendendo que ao reconhecer que a intimidade e sexualidade de cada um não está fixada a padrões,

havendo uma grande distância entre a maneira como as pessoas falam e se comportam e o que ocorre em seus relacionamentos privados. O debate em torno de questões envolvendo políticas públicas e direitos da população LGBTQIA +, implica em mudanças diretamente ligadas a costumes, moral, padrões sexuais e conceitos enraizados historicamente na sociedade brasileira (SOUZA, 2015). Mesmo com diversos avanços ocorridos no cenário político e jurídico brasileiro, ainda existem variadas limitações enfrentadas por essa parte da população, o que gera uma grande insatisfação para esses indivíduos.

METODOLOGIA

O processo dessa pesquisa ocorreu com a busca sobre entendimentos em torno do tema estudado, assim, a procura por trabalhos acadêmicos iniciou-se com a empreitada de encontrar as que possuísem em seu corpo a participação de sujeitos surdos. Assim, seguindo o autor Gil (2007), tratou-se de um levantamento bibliográfico, logo que também esse mesmo autor aponta que esse tipo de trabalho se dá quando busca-se trabalhos já anteriormente publicados.

Iniciei uma pesquisa através da ferramenta Google Acadêmico, onde foi realizado um levantamento bibliográfico, a pesquisa foi centrada na busca por palavras-chave de resumos dos artigos como o tema sexualidade, onde busquei as palavras-chave: sexualidade e surdez e homossexualidade e surdez. As buscas nesse banco de dados ocorreram nos meses de fevereiro, março e abril do ano de 2023.

Após esta busca, foram 19.400 resultados de trabalhos voltados para as palavras indicadas, assim pela abrangência de pesquisas, um processo de seleção de artigos teve que ser realizado, desta forma os artigos que não cumpriam os critérios de inclusão, assim como as publicações que se repetiram entre outros bancos de dados, os artigos com acesso bloqueado ou pagos, foram excluídos. Para os procedimentos de busca, seleção e análise, foram utilizadas algumas palavras-chave em português, como: sexualidade e surdez; sexualidade e sujeito surdo; sexualidade e problemas sociais.

Um dos critérios de inclusão foi que discutissem sobre a surdez com foco na sexualidade e tivessem a perspectiva de pessoas surdas que foram entrevistadas para esses trabalhos. Para a exclusão de artigos, considerou-se aqueles que foram duplicados; as publicações em outros formatos que não fossem artigos; e os que não possuíam a disponibilização do resumo e do texto completo por via on-line e de forma gratuita.

Depois do recorte com esses critérios, 18 artigos foram selecionados para leitura e breve análise, incluindo a leitura do seu resumo, introdução e o seu referencial teórico. Os artigos científicos encontrados foram retirados de uma linha temporal do ano 2000 até o ano atual, ou seja, 2023. Porém observou-se que entre os anos 2000 e 2008, além dos anos 2010 e 2013 não tiveram publicações referentes a sexualidade e surdez. Restando assim as publicações do ano de 2009, 2011 e 2012, retomando as publicações recorrentes em 2014 até 2023, pautando a discussão da sexualidade e surdez envolvendo a comunidade surda.

No que se refere a homossexualidade e surdez e sexualidade e surdez, dos 18 artigos selecionados, entre esses 3 pesquisas tinha no seu corpo de discursão a problemática da surdez e homossexualidade, em destaque um trouxe em mais relevância a problemática que me instou a realizar essa pesquisa, Abreu et al. (2015) salientou o duplo preconceito de ser surdo e homossexual, proveniente dos próprios familiares e da sociedade. Por esse fato, alguns surdos escolhem omitir sua homossexualidade para se proteger dos estigmas sociais. Ao realizar este presente estudo ficou evidenciada a escassez de publicações de artigos científicos referentes à sexualidade dos sujeitos surdos.

Dada a escassez de estudos que articulem reflexões sobre deficiência e sexualidade, principalmente no que tange à surdez e à homossexualidade reunidas. Com a leitura dos artigos e como já citado, busquei pesquisas que estivessem centradas também na voz do sujeito surdo, que estivesse presente seus relatos de suas reais angústias e também relatos que demonstrassem suas vivências e experiências em relação sobre como construir sua sexualidade. Pode-se dizer que para construção de sentidos, o que o sujeito conta e relata de si, são escolhas que ele faz a partir das vivências sociais e históricas no decorrer de sua vida e formação, por isso implica na valorização.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A lacuna de produção científica em relação às produções voltadas para sexualidade e surdez e homossexualidade e surdez pode estar relacionada à proibição do uso da língua de sinais no ano de 1880, após o II Congresso de Educação de Surdos ocorrido em Milão. Além disso, por cerca de cem anos, o oralismo foi instituído como método de ensino obrigatório para surdos. No entanto, a partir de 1960 os estudos passaram a se voltar para os diferentes métodos de ensino (língua oral, língua de sinais, comunicação total e bilinguismo), a diferença cultural entre surdos e ouvintes, a cognição e as relações familiares, o que pode ter

suprimido estudos com o foco em outros aspectos relacionados à surdez. O que se pôde observar é que os artigos encontrados estão direcionados ao cuidado da saúde íntima e sexual desses sujeitos.

Dados semelhantes foram encontrados na pesquisa de Bento e Bueno (2005), ao afirmarem que a escassez de pesquisas acerca da sexualidade de surdos promove a negligência da temática, a restrição de informações e a exclusão dessas pessoas. Neste sentido, Getch et al. (2001) ratificam os estudos supracitados ao destacarem a importância da disseminação da temática em questão e da abrangência para todas as culturas e níveis sociais. Adicionalmente, Maia (2006) reitera que a sexualidade precisa ser debatida e desmistificada na sociedade. Portanto é possível observar que existe uma inadequação das informações sobre essa temática, assim ressalta a relevância de uma abordagem que apresenta a realidade diante das questões sexuais e de gênero, com a busca e o intuito de garantir que a pessoa surda tenha um pensamento e auto conhecimento sobre sua sexualidade e a abrangência que essa questão apresenta.

Entende-se que a surdez não compromete a capacidade cognitiva do indivíduo, o que significa que este poderá levar uma vida plena, desfrutando dos seus direitos, ainda que não se encaixe nos padrões de normalidade da sociedade heteronormativa ouvinte, como os direitos à busca pelo prazer sexual, por relações afetivas, a se perceber como um ser humano que desfruta de uma vida sexual saudável, a expressar seus desejos, experimentar o erotismo, e a busca pelo prazer no outro. As relações sociais colaboram com a formação da realidade por meio das relações do indivíduo e do seu grupo com um objeto social, o que auxilia na interpretação, tomada de decisão e no posicionamento diante da realidade social (Jodelet, 2001). Com esta perspectiva, Chaves e Silva (2013) e Almeida e Santos (2011) afirmaram que as relações sociais permitem que o indivíduo compreenda e explique a realidade em que está inserido por meio da elaboração de conhecimentos novos.

Nessa perspectiva a relação entre língua e identidade sexual estão entrelaçadas, e uma análise acerca dos fatores que favoreça uma compreensão de si mesmo entra em relevância, do ser surdo e o âmbito da sexualidade e assim também aos assuntos que envolvem essa temática dentro da comunidade surda, assim como discutir a importância que a língua tem na sua construção como um sujeito, como uma ferramenta de comunicação, que conduz a narrativa surda dos sujeitos surdos para a sociedade. Assim sendo vinculada e muitas vezes também relacionada ao início da construção do sujeito social, seja por trazer em relevância as relações interpessoais, e isto não é diferente com os jovens surdos apesar de possuir cultura diferente comparada a cultura do ouvinte.

Não indiferente dessa perspectiva Vygotsky traz uma abordagem de pensamento que relaciona como os sujeitos com deficiência são vistos. Para Vygotsky (1997), aqueles considerados deficientes, por se desenvolverem a partir de padrões não convencionais, são concebidos culturalmente como sujeitos incapazes de viver amplamente em sociedade. Aliada às limitações sociais impostas a essas pessoas, a expressão da sexualidade é uma temática pouco problematizada, pois prevalece a ideia de que esses sujeitos com desenvolvimento atípico são infantis e inocentes, a relação entre homossexualidade com a relação à deficiência apresenta discussões teóricas importantes sobre desenvolvimento e sexualidade dos sujeitos surdos. Os estudos acerca das vivências da sexualidade de pessoas com deficiência são escassos e raramente investigam assuntos que estão voltados à orientação afetivo-sexual desses sujeitos, principalmente, as manifestações que estão fora da ordem heteronormativa (Abreu & Silva, 2012).

De fato, a expressão da homossexualidade em pessoas da comunidade surda, por exemplo, tem sido pouco problematizada na literatura científica, principalmente, em relação à necessidade de discutir suas relações de gênero, e essa situação não deixa de ser uma repetição no meio acadêmico, da marginalização que acontece na esfera social. O conceito de sexualidade é construído historicamente e se encontra em constante expansão, por conta da amplitude do conceito, ele abrange temáticas como gênero, identidade sexual, orientação sexual. Embora tratar sobre a sexualidade da pessoa surda seja uma temática muito importante, ela ainda é marcada por mitos e tabus. Pois, como nos diz Maia (2006, 2011), todos aqueles que fogem dos padrões de normalidade são impostas crenças, mitos e concepções ligadas à proibição do prazer sexual, desconsiderando a capacidade de amar e do desejo atribuído a todos os seres humanos.

Segundo Job (2004), alguns aspectos podem influenciar na falta de conhecimento dos surdos sobre a sexualidade: poucas oportunidades para obterem informações; a resistência dos familiares em promover a educação sexual; e o desconhecimento de colegas sobre a temática e o repasse de informações errôneas sobre a questão. Sacks (1998) também realça que não é a falta de uma língua que vai limitar um indivíduo mentalmente, mas este será privado de um desenvolvimento saudável de ideias e noções da própria subjetividade e do mundo. Essa é a realidade que muitos sujeitos surdos passam na sua vida, as descobertas sobre a sua sexualidade são colocadas em segundo plano, isso devido a sua única identidade ser associada ao fato de ser uma sujeito surdo, ou seja, assim a sociedade tem um olhar voltado não para o sujeito surdo, mas sim somente voltado a sua surdez, as partes que o compõem como um

sujeito social, que tem uma sexualidade, pensamento política, crítico e nas suas escolhas de vida, são colocados à parte.

Sendo um pensamento errôneo, já que se sabe que todos somos formados por nossas interações sociais, pelo convívio com ciclos familiares, escolares e acadêmicos, interações com que se constrói o sujeito social. Diante disso, Lebedeff (2010) afirma que os surdos enfrentam problemas de acesso a informações sobre a sexualidade, não porque a surdez seja impedimento ao conhecimento, mas porque a sociedade limita-os a condições e espaços para a educação sexual. Nessa perspectiva, as informações que as pessoas surdas recebem sobre a sexualidade são escassas, marcadas por preconceito, equívocos e concepções errôneas sobre o tema, os sujeitos surdos chegam a serem vistos como assexuados, como se a surdez fosse sinônimo de incapacidade de exercer a sexualidade permanente.

Segundo a perspectiva de Vygotsky reportada Rego (2003, p.71) “o desenvolvimento do homem depende do aprendizado que é realizado num determinado grupo cultural, a partir da interação com o outro indivíduo de sua espécie”. Desde o nascimento o ser humano passa a percorrer um caminho de crescimento que busca alcançar a maturidade, ou seja, busca torná-lo capaz de realizar-se como pessoa e como ser social, esse processo de crescimento sempre é acompanhado de angústias. O discurso sobre o sujeito surdo e sexualidade está presente, mas, quando se trata da sexualidade das pessoas surdas, é apresentada uma complexidade. Percebe-se que a surdez, muitas vezes, é tomada como característica principal do sujeito surdo, não podendo coexistir atitudes e desejos que fujam da normalidade imposta na sociedade heteronormativa na qual está vivendo, desconsidera-se a existência de outros estigmas que compõe esse sujeito: a questão de gênero, orientação sexual, raça e classe são ligadas a essa comunidade.

Considerando que a pessoa com deficiência geralmente é pensada como um corpo doente, patológico, e por vezes tem sua sexualidade negada, o que se pode pensar quando esse sujeito “doente” tem uma sexualidade diferente da heterossexualidade? Em alguns momentos, a impressão que estabelece é que as dificuldades surgidas por serem surdos se sobressaíram, ou seja, pelo preconceito em relação à deficiência ou mesmo as limitações para comunicação, e de algum modo, podem privar esses sujeitos de uma maior inserção ou interação com a maioria da sociedade. Ao discutirmos e falarmos sobre sexualidade das pessoas surdas, é necessário pensar nas questões de gênero. As relações de gênero são estabelecidas e produzidas conforme as concepções sociais que se constroem nos papéis

sociais e nas suas representações acerca do que é ser homem e do que é ser mulher, a esfera do gênero e sexualidade pode ser complexa.

Em muitos casos, a família se ausenta quanto a essas questões, seja pela falta de informação necessária, no caso da realidade dos sujeitos surdo temos a ausência da comunicação hábil entre os seus familiares, isto ocasionado pela falta de conhecimento sobre a LIBRAS, assim por medo de trazer um discurso que possa incitar a sexualidade dos filhos o tema é silenciado e não discutido. Desta forma, a sexualidade não deve ser compreendida como uma única dimensão, a reprodução do sujeito, mas sim a sexualidade como um conjunto de concepções e valores que envolvem a intencionalidade humana e a expressão afetiva de cunho social e histórico. Gomes (2007, apud Ministério da Saúde 2009, p. 49) traz com clareza a ideia de como a sexualidade ainda é vista como um tabu para todo e qualquer ser humano, seja ele portador de alguma deficiência ou não. Entretanto isso pesa ainda mais sobre o deficiente, devido a desinformação ou mesmo informações deturpadas, chegam a impedir que esse indivíduo possa desfrutar dos seus direitos de uma vida plena e feliz como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao imergir no caminho da pesquisa sobre a sexualidade e surdez, recortando a posteriori para homossexualidade e surdez, pude compreender um pouco melhor os desafios que acompanham tais sujeitos, os conceitos que entrelaçam essas pautas, e ainda as concepções equivocadas que se dissertam sobre essas duas questões. Foi possível perceber que a construção do conhecimento é ainda moldado por pressupostos sociais pela ótica heteronormativa.

Percebi que as grandes dificuldades apresentadas nessa área de pesquisa acerca da homossexualidade e surdez são constantes. Ao pensarmos em surdos ou ouvintes homossexuais, ou seja, sujeitos com sexualidade não hegemônica, o que para alguns ainda é considerada como de caráter doentio ou não natural, ligada ao pecado, sofrem repressões da sociedade heteronormativa, bem como de nossas próprias concepções atravessadas por essa heteronormatividade.

Com relação aos objetivos desta pesquisa, foi possível identificar os artigos científicos produzidos que retratam o tema, acredito na possibilidade deste trabalho apontar para um

embasamento o qual servirá para outras pesquisas as quais poderão beneficiar a comunidade surda. Busquei alcançar todos os objetivos propostos, com exceção da integração, por parte do meu desejo, da perspectiva de um entrevistado surdo no trabalho, que por diversas contingências, não consegui alcançar.

As questões levantadas ao longo deste trabalho apontam para a necessidade de ampliação das investigações e pesquisas sobre a temática da homossexualidade, assim como, de sexualidades dissidentes interseccionadas à surdez. É urgente o esforço conceitual e analítico para compreender a condição existencial ao longo do processo de desenvolvimento sexual de sujeitos surdos homossexuais.

Diante disso, percebo a importância de tratar desse tema e sua importância na descoberta como indivíduo social e parte desse processo de descobrimento do sujeito enquanto indivíduo sexual. Acredito na construção desse sujeito e também que sua identidade enquanto sujeito é flexível, mutável e constantemente está em adaptação ao meio em que vive, seja para subverter, seja para sobreviver na sociedade carregada de estigmas e preconceitos que vivemos.

Espero com essa revisão sistemática motivar os profissionais de diversas áreas, e principalmente acadêmicos em formação, como eu, além de professores pesquisadores a buscar e atuar com os surdos para desconstruir os mitos ao debater a sexualidade de forma abrangente. Buscar uma conscientização dos comportamentos de risco e a vulnerabilidade para esses sujeitos, surgindo também a importância dos dados obtidos para futuras pesquisas e para a sociedade em geral. Além disso, que possam surgir novas publicações que deem continuidade à amplitude conceitual da sexualidade e da diversidade sexual com a participação das pessoas surdas no intuito de compreendê-las, orientá-las e informá-las sobre a temática em questão.

REFERÊNCIAS

- ABREU, F. S. D., & SILVA, D. N. H. (2012, set.). **Homossexualidade e surdez**: Um estudo sobre as experiências sexuais em surdos. Trabalho apresentado na XXI Jornada de Educação Especial da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, Brasil.
- ABREU, F. S. D., SILVA, D. N. H., & ZUCHIWSCHI, J. (2015). **Surdos e homossexuais**: A (des)coberta de trajetórias silenciadas. *Temas em Psicologia*, 23(3), 607-620. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-07>
- ALMEIDA, A. M. O., & SANTOS, M. F. S. (2011). **A teoria das Representações Sociais**. In C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: Principais Temas e Vertentes*(pp. 287-295). Porto Alegre: Artmed.
- BENTO, I. C. B., & BUENO, S. M. V. (2005). A aids sob a ótica do surdo adulto jovem. **DST: Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, 17(4), 288-294. <http://www.dst.uff.br/revista17-4-2005/A-Aids-Sob-a-Etica.pdf>
- BOZON, M.. “Orientations intimes et constructions de soi. Pluralité et divergences dans les expressions de la sexualité”. **Sociétés Contemporaines. Les cadres sociaux de la sexualité**, Paris, n. 41/42, p. 11-40, 2001.
- BRITO, L. F.. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Temp Brasileiro, UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.
- CHAVES, A. M. & SILVA, P. L. (2013). Representações Sociais. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.), **Psicologia Social: Temas e Teorias**(pp. 299-349). Brasília: Technopolitik.
- FOUCAULT, M. (1988). **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; José Augusto Guilhon Albuquerque (1999). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade O Uso dos Prazeres** (Vol. 2). Rio de Janeiro : Graal, 1984. _____. *Dits et écrits* (Vol. 4). Paris: Gallimard, 1994. _____. *História da Sexualidade A Vontade de Saber* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- FOUCAULT, M. (1985). **História da sexualidade III**: O cuidado de si. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque (2005). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FREIRE, P. (1999) P. 7, **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa
- GETCH, Y. Q., BRANCA, D. L., Fitz-Gerald, D., & Fitz-Gerald, M. (2001). **A rationale and recommendations for sexuality education in schools for students who are deaf**. *American Annals of the Deaf*, 146(5), 401-408. <https://doi.org/10.1353/aad.2012.0209>
- GREEN, J. N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- GUIMARÃES, I. **Educação sexual**: mito e realidade. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

JOB, J. (2004). Factors involved in the ineffective dissemination of sexuality information to individuals who are deaf or hard of hearing. **American Annals of the Deaf**, 149(3), 264-273. <https://doi.org/10.1353/aad.2004.0025>

JODELET, D. (2001). Representações sociais: **Um domínio em expansão**. In D. Jodelet, (Org.), As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ.

LEBEDEFF, T. B. (2010). **Surdez e sexualidade**: uma discussão sobre a necessidade de empoderamento linguístico e acesso à informação. In: Encontro De Pesquisa Em Educação Da Região Sul, 8, 2010, Londrina. Anais de Londrina: UEL. <https://docplayer.com.br/13124540-Surdez-e-sexualidade-uma-discussao-sobre-anecessidade-de-empoderamento-linguistico-e-acesso-a-informacao-tatiana-bolivar-lebedeff-ufpel.html>.

LOURO, G. L. (2008). **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, 19(56), 17-23. (Org.). **O corpo educado**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MAIA, A. C. B. (2006). **Sexualidade e deficiências**. Ed. UNESP

MAIA, A. C. B. (2011). **Inclusão e sexualidade**: Na voz de pessoas com deficiência física.: Juruá.

MOTT, M.; CALDERON, A. I.; CURVELO-ALVES, A. A.. A escola e os novos arranjos familiares. **Saúde Coletiva**, Barueri, v. 28, p. 63-66, 2009.

PERLIN, G. T. T. Identidade Surda. In: Skliar, C. (Org.). (2001, p. 51-72) **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação.

PERLIN, G; STROBEL, K. **História cultural dos surdos**: desafio contemporâneo. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2, p. 17-31, 2014. PAULA, Ana Rita de.

PINHO, R.; PULCINO, R.. **Desfazendo os nós heteronormativos da escola**: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTT. Educ. Pesqui., São Paulo, v.42, n. 3, p. 665-680, jul./set. 2016.

QUADROS, R. M. **A Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos**. Porto Alegre, Artemed, 2004.

REGEN, M.; LOPES, P. **Sexualidade e deficiência**: rompendo o silêncio. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2005. (Coleção Aprendendo a Sexualidade).

REGO, T. C. VYGOSTSKY, **uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 15 rd. Petrópolis, Vozes, 1995

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SILVA, A. S. **Marchando pelo arco-íris da política**: a Parada Orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal. 2006. Tese

(Doutorado em Psicologia Social) -Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, R. C. **Orientação Sexual:** Possibilidade de mudança na escola. Campinas. SP: Mercado das Letras, 2002.

SKUTNABB-KANGAS, T. **Bilingual education and Sign language as the mother tongue of Deaf children.** In: KELLETT BIDOLI, C. J.; OCHSE, E. (eds). English in International Deaf Communication. Bern: Peter Lang, 2008, p.75-94.

SOUZA, A. B.; ALVES, G. D.; SILVEIRA, L. A.; OLIVEIRA, L. C.; LAZZARETTI, L. N.; BATTISTI, S. C.; CARLESSO, J. P. P.. **Os impactos do preconceito social e familiar na saúde mental das lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais.** Research, Society and Development, v. 9, n. 4, 2020

TENO, N. A. C.. **Rememorando Trajetórias: docência e identidade do professor em formação.** (Tese de doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal De Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS, 2013. 240 p.

VERGUEIRO, V.. **Por inflexões de colônias de corpos e identidades de gênero** inconformes: uma análise auto etnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V** Fundamentos de defectologia. Madrid: Visor, 1997.